

1

## Alocução às Mães

Nesse momento soleníssimo em que, tangidas por insopitáveis emoções, vibram entusiasticamente, em glorioso epinício, todas as fibras de nosso coração — “mágico microcosmo encerrado na breve arca do peito humano”, como magnificamente o definiu o portentoso talento de Rui Barbosa — nesse dia grandiosíssimo, repito, de justíssima exaltação à sublimidade da missão de mãe, permiti, que, inicialmente, eu me transporte, nas asas vaporosas do pensamento, até uma pequenina cidade do interior, graciosamente aninhada às margens de famoso rio, Paraíba do Sul, minha terra natal, e, de joelhos, deposite na mão carinhosa, que sempre me afagou, o ósculo simbólico da imarcescível gratidão, que guardo, no íntimo de minh’alma, como jóia valiosa em escrínio indevassável, pela venerável anciã, que, há mais de meio século, regula o ritmo de sua felicidade pelas manifestações de alegria de seus filhos — minha mãe!

E ao render esse público preito de gratidão diz-me a consciência que não exagero merecimentos, mas pratico, apenas, justiça elementar, pois, de quantas mães tenho conhecido, pouquíssimas se equipararão à minha, tantas são as virtudes que reúne em seu caráter sem jaça; — servido por um coração profundamente generoso.

Nascida na abundância e criada, senão com faustosa ostentação, ao menos com todas as facilidades de opulenta riqueza, vejo-a, no entanto, neste instante, por um esforço de visão retrospectiva, nas primícias de minha vida, reclusa na solidão de vetusta fazenda, afastada do conforto da civilização, vivendo modestamente e em incessantes labutas, estimulando, com sua colaboração, o árduo trabalho de meu pai, que, vítima de maus negócios, perdera tudo que amealhara até àquela época, após vários anos de ingentes labores no comércio.

Trabalhando mais do que qualquer serviçal, essa mulher de rija têmpera, que, nascida rica, crescera cercada de fâmulos solícitos preocupados de adivinhar-lhes os mínimos desejos, ao mesmo passo que deu inestimável amparo moral ao marido, legou aos filhos belíssimo exemplo de quanto valem as reservas espirituais duma esposa dedicada e duma mãe amantíssima.

Extremamente sentimental, essencialmente emotiva, dedicadíssima aos filhos, minha mãe sempre se desdobrou em constantes desvelos pelos entes que considera “carne de sua carne”, de sorte que o mínimo distúrbio na saúde, ou o mais leve eclipse na alegria dum filho causava-lhe sempre, como lhe causa ainda hoje, dolorosa apreensão. Em suma — tão carinhosa, tão abnegada e tão virtuosa sempre foi minha adorada mãe que a mim se me afigura que, no seu edificante exemplo, se inspirou o glorioso vate maranhense quando versejou:

*“Ser mãe é andar chorando num sorriso;  
Ser mãe é ter o mundo e não ter nada;  
Ser mãe é padecer num paraíso.”*

Que se me permita, pois, à maneira de Platão, que louvava os deuses por ter sido contemporâneo de Sócrates, agradecer ao Criador a fortuna de ter sido filho de tal mãe.

Em verdade, muitos irmãos existem, que nesta data consagrada às mães, não poderão sentir a dulcíssima felicidade de estreitar em seus braços aquela que lhes deu o corpo. Todavia, deve confortá-los a certeza de que, posto não possuam mais o corpo carnal, nem por isso suas mãezinhas estarão perdidas para sempre; ao contrário, seus Espíritos abnegados, velam diuturnamente pelos filhos retidos na Terra.

Prestai atenção, prezados irmãos, nesta página admirável burilada pelo grande estadista que nos legou a afamada *Oração aos Moços* — Rui Barbosa:

“A maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber, escreveu o genial compatriota, é a da morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não entrevemos, nesse fundo obscuro e remotíssimo, uma imagem cara? Quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente ou melancólica, alvoroçada ou inquieta, severa ou carinhosa, trazendo-nos o bálsamo, ou o conselho, a promessa ou o desengano, a recompensa ou o castigo, o aviso ou a fatalidade, ou os presságios de bom agoiro? Quantas nos não vem conversar, afável e tranqüila, ou pressurosa e sobressaltada, com o afago nas mãos, a doçura na boca, a meiguice no semblante, o pensamento na frente, límpida ou carregada, e lhe saímos do contacto, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidado e pesadume, ora cheios de novas inspirações, e cismando, para a vida, novos rumos? Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar esses leais companheiros de além-túmulo, e com êles renovar a prática interrompida, ou instar com eles

por um alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstea de luz, um traço do que lá se sabe, e aqui se ignora?”

Eis, irmãos, nessa página luminosa, a mais estupenda demonstração da prodigiosa intuição desse brasileiro genial. O que a outros, menos afortunados, transparece como mero artifício literário, é, para nós espíritas, fidelíssima expressão duma realidade tangível, fartamente demonstrada até por eminentes homens de ciência, que estudaram criteriosamente a fenomenologia espírita, comprovando a sobrevivência. Ficai certos, que a maior potência do Universo é o Amor, e que Deus que, por amor nos criou, jamais separaria eternamente os que se amam. Não vos lastimeis, pois, se vossas mães já não pertencem à Terra, porque lá, nos páramos celestes onde se encontram, continuam a amar-vos e a velar por vós; e sempre que podem, voam para junto de vós e derramam, sobre vossos corações feridos pelas vicissitudes do destino, o suave refrigerio dos balsâmicos eflúvios do amor materno!

E se, dentre vós que me ouvis, alguma mãe houver cujo coração esteja trespassado de dor, acutilado pela ingratidão do filho, que lhe sirva de lenitivo a certeza de que o vínculo carnal da maternidade é, muita vez, oportunidade bendita para resgate de dívidas de vidas passadas, entre Espíritos inimigos.

*“Há filhos-réptis que cospem baba,  
Letal veneno a um seio de mulher.”*

Já disse um poeta, malsinado em linguagem candente, o procedimento dos filhos ingratos, que menosprezam os sacrifícios das mães de criação.

Grande consolo nos dá, todavia, a Filosofia Espírita, quando explica e demonstra, com muitos exemplos que a família terrena é abençoado ensejo para a congregação de irmãos que precisam evoluir juntos a fim de que, do entrechoque das tendências incompatíveis bem como da conjugação das afinidades adquiridas, sejam os Espíritos lapidados em árdua lide evolutiva até que irradiem luz por todas as facetas do caráter!

Mães existem, portanto, que recebem, na posição de filho, Espíritos amigos de outras eras, com os quais se comprometeram na vida espiritual, prontificando-se a dar-lhes corpo e a ajudar-lhes a educação para que possam adquirir as virtudes de que carecem: são os filhos amigos, que demonstram entranhado amor pelas mães.

Outras mães há, no entanto, que, por terem prejudicado seriamente um semelhante em vidas anteriores, ficam na obrigação de ajudá-lo a reabilitar-se, recebendo-o, generosamente, no ventre, para extinguir, com o fluido do amor, o malsinado azedume de um ódio antigo. Essas, são mães dedicadas e desprendidas, que tudo dão ao filho, mas que dele, jamais receberão a menor demonstração de espontânea afeição.

Que se não maldigam, porém, de tal sina. Que multipliquem, cada vez mais, as dádivas de seu excelso amor, pois, com as vibrações luminosas dum afeto sincero, estão espalhando as trevas abrigadas nas cavernas do subconsciente do filho, que fora inimigo na vida espiritual, mas que, em voltando para lá, ao reconhecer os benefícios que colheu através do amor materno, transformar-se-á, de inimigo potencial que era, em amigo sinceramente reconhecido!

Equacionada nessa fórmula a sublime missão materna, é de ver que o Espiritismo atribui à maternidade uma função muito mais grandiosa do que se julga geralmente; e que graves dissabores padecem, na vida espiritual, as mulheres que, por motivos fúteis, racionam a maternidade, determinando, consoante seus caprichos, o número de irmãos a quem dão corpo, como se a encarnação dum Espírito devesse ficar ao sabor das flutuações econômicas do lar, ou da vocação dos progenitores para os prazeres efêmeros deste planeta!

Não, caros irmãos, a função de mãe, não é, apenas, a de genitora do corpo, mas, sobretudo, a de plasmadora do Espírito maleável do filho que Deus lhe confiou. E é pelo fato de complementar a obra do Criador que sua missão se torna verdadeiramente grandiosa, tão grandiosa e bela que nenhuma palavra, por mais eloqüente e formosa que seja, traduzirá jamais todo o esplendor do seu significado espiritual!